

**TRABALHO/** Estudo do Dieese mostra precarização das relações de emprego de tralhadores domésticos, grupo formado, em sua maioria, por mulheres e negros

# Informalidade em alta e rendimento menor

» MICHELLE PORTELA

"Não tenho segurança nenhuma de direitos, mas não tenho o que fazer. Já tentei muito conseguir trabalhar com carteira assinada, só que faz um tempo que parei." O depoimento da empregada doméstica Elizandra Cruz, baiana de 42 anos, radicada no Distrito Federal, revela um pouco da precarização pela qual passa uma das atividades profissionais mais tradicionais do país. Não muito diferente de outras categorias, esses trabalhadores perderam vagas com carteira assinada, sentiram a redução da renda e precisaram retornar ao trabalho informal.

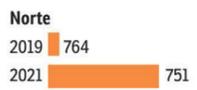
O cenário sobre o trabalho doméstico no Brasil foi descrito em pesquisa recentemente publicada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). O estudo mostra que esse mercado é formado mais por mulheres, em sua maioria negras, na casa dos 40 anos de idade e com renda mensal abaixo de R\$ 1 mil. Além disso, sem carteira assinada.

## Aposentadoria

"São nove anos nessa luta, mas sigo firme. Sempre trabalhei informalmente, nunca trabalhei como doméstica com carteira assinada e pago a contribuição social ao INSS de forma autônoma. Contribuo há pouco tempo, uns oito anos. Mas, sinceramente, do jeito que está, com essa nova lei,

## Em queda

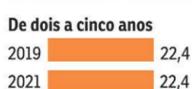
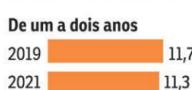
Média de rendimento mensal da empregada doméstica caiu em todas as regiões  
Em R\$



## Permanência no mesmo emprego

No fim de 2021, cerca de 32% das domésticas tinham menos de um ano no trabalho

Em %



Fonte: Dieese

creio que não vou me aposentar tão cedo. Se não mudar isso, não vejo como me aposentar antes dos 65, 70 anos, infelizmente", diz Elizandra.

Em 2019, mulheres com idade média de 43 anos ocupavam 92% das vagas. E a cada três trabalhadoras domésticas, duas são negras, que, em média, recebem 20% menos que as não negras. De 2019 para 2021, a informalidade

no setor aumentou no período da pandemia e os salários diminuíram.

"Já passei por algumas dificuldades, principalmente na pandemia. Uma das pessoas que contrataram meu serviço continuou pagando meu salário por um ano naquele início de pandemia, porque tudo fechou, e eu não podia entrar nas casas. Em muitos momentos não

pude trabalhar por saúde mesmo, e meus patrões ficaram pagando pra mim. Teve vez de desmaiar, me sentir meio mal durante o serviço, porque tenho uns problemas de saúde, mas tinha que continuar, já que não tenho carteira, sou autônoma", explica a doméstica, que trabalha em três casas e, algumas vezes, acorda às 5h para ir de bicicleta ao trabalho.

## Ganho incerto

Há três anos, a média salarial era de R\$ 1.016,00. No ano passado ficou em R\$ 930,00. No total, no passar destes anos, o número de trabalhadores diminuiu de 6,2 milhões para 5,7 milhões. "Ganhava com carteira assinada R\$ 1,3 mil e ficava com R\$ 1,1 mil, tirando as garantias do INSS. Hoje, não sei ao certo quanto ganho porque, realmente, está bem incerto", diz Geilza Rodrigues, 47 anos, doméstica desempregada.

Elizandra Cruz conseguiu romper essa barreira. "Eu recebo mais por diária do que no mensal, porque, quando o pagamento é fixo, o valor da diária sobe, mas é apenas uma vez por semana. Minha diária é de R\$ 160, e, se for várias vezes na semana compensa mais. Por mês, juntando tudo tiro uns R\$ 1.700 ou R\$ 1.800", relata.

## Direitos

Em média, quem tem emprego informal recebe 40% menos. A pesquisa indica que a média salarial sem carteira assinada é de R\$ 802, enquanto quem tem carteira assinada recebe R\$ 1.338. Com isso, trabalhadores e trabalhadoras acessam e garantem os direitos previstos na CLT, como descanso semanal e férias remuneradas.

O que ainda não foi suficiente para mudar realidades que exigem esforço redobrado diante das dificuldades. "Quando trabalhava com carteira assinada, acordava às 5 horas da manhã para chegar às 7h. Eu ia de ônibus. Combinava de chegar cedo para sair mais cedo. É importante sair pelo menos por volta das 4 horas. É muito corrido, tanto que o patrão coloca horário de almoço e a pessoa não almoça, né? Se parar para almoçar você sai muito tarde. Comia quase em pé", finaliza Geilza. (MP)

**Brasil S/A**  
por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

## Parando a decadência

O assassinato de um indigenista e de um jornalista na Amazônia, as chacinas seriadadas e os mortos por balas ditas perdidas no Rio de Janeiro são crimes triviais na barbárie brasileira. Estão em todo o país, não raramente cometidos por policiais e sicários a soldo de organizações criminosas infiltradas no aparelho de Estado, algumas disfarçadas como negócio econômico ou político lícito.

A violência sempre fez parte do cotidiano, só era pouco visível e não se deve, como sonsos do Instagram supõem, à falta de segurança a ser combatida armando a população, essa outra forma de barbárie.

O país já estava a caminho da decadência econômica, ética e moral desde que se incrustaram entre as elites pensantes ideias importadas dos EUA, segundo as quais o Estado deveria ser mínimo para a riqueza fluir, o desenvolvimento acontecer e a pobreza desaparecer.

Nos EUA, tal ideologia gerou a maior concentração de renda desde a década que antecedeu a Grande Depressão dos anos 1930 e implicou a ascensão da China, graças à migração de fábricas em busca de salário baixo e nenhuma restrição trabalhista e ambiental, deixando regiões arrasadas pelo desemprego, como os estados do Meio-Oeste americano.

Foi o que levou à ascensão de Trump, que prometeu fazer a economia dos EUA grande outra vez. Na prática, abriu a ferida jamais curada do racismo, instigou o ódio aos imigrantes, transferiu a culpa pela desdita americana aos asiáticos, aos latinos pobres — a permanente procura de culpados, conforme a prática da extrema-direita onde quer que ela se manifeste no mundo. No Brasil de Jair Bolsonaro, também.

Bolsonaro encontrou, e agravou, um "círculo vicioso de estagnação econômica e frustração popular", segundo reportagem da edição atual da revista inglesa *The Economist*, intitulada "Como as democracias decaem".

Aliás, elegeu-se não por seus méritos, mas exatamente por não ter mérito algum, despreparado que é, expressando a raiva do eleitor, em especial de classe média, aos políticos, vistos como "corruptos e egoístas", descreve a série de reportagens, falando da América Latina em geral, onde abundam 'bolsonaros' de esquerda e direita.

Quatro anos depois, a realidade fria se impõe, com 33 milhões de brasileiros na indigência, a maioria da população vivendo de bicos, disfarçada como "microempresário" nas estatísticas de desemprego, setores industriais sob a ameaça de extinção, sem investimentos em tecnologia, como o automotivo. Fato: a governança da economia e da sociedade sob a mediação do Estado, em suas muitas formas, colapsou.

## Causa original do desastre

Se o Estado e sua estrutura operacional não servem à maioria, não há o que reformar — não, pelo menos, as reformas de viés liberal, como a tributária apartada de um programa que revitalize a economia, fazendo-a crescer com investimentos em infraestrutura e em inovação tecnológica, além de geradores de milhões de empregos de qualidade.

Reforma administrativa, significando arrocho do funcionalismo, não tem seriedade se mantiver intacta a governança política do Estado.

Essa é a causa original da inépcia dos serviços públicos, das leis e programas que só servem aos maganos do topo da pirâmide de renda, da corrupção sistêmica. Os desvios florescem quando instituições e órgãos que lhe dão forma trabalham sem controle, sem transparência, sem metas nem objetivos nacionais e sociais apartidários.

Um exemplo? Tome-se a Lava Jato. Prendeu empresários e políticos. Confiscou dinheiros roubados. Mas permitiu a ruína da construção pesada e da engenharia de grandes obras, ao não forçar a mudança de controle acionário. Com mentalidade provinciana, seus procuradores e juizes queriam mesmo era inabilitar Lula da eleição de 2018.

## Democracia refeita do zero

A mensagem da *Economist* para parar o que chama de "podridão" serve ao Brasil, dilacerado por perversões ideológicas primárias, tanto no plano dos costumes quanto no liberalismo darwinista dos últimos 40 anos, que adquiriu traços de crueldade explícita neste governo.

"Os latino-americanos precisam reconstruir a democracia do zero. O seu destino", diz *The Economist*, "só deverá piorar, se a região não redescobrir a vocação da política como serviço público e reaprender o hábito de forjar consenso". Consenso significa coesão em torno de propósitos comuns. Nenhum fará sentido sem crescimento econômico e o desenvolvimento como fonte de esperança de dias melhores.

Essa é a responsabilidade que se projeta nas eleições. Exatamente o que não se vê nas decisões eleitorais tomadas pelo Congresso a fim de tentar inflar as chances do governante. É o que se fez com o desvio de dinheiros da saúde e da educação mantidas pelos estados e municípios ao se aprovar o teto de 17% do ICMS dos combustíveis e energia elétrica — vilões da inflação combatida com juro crescente pelo Banco Central, que estão só em sua ingrata missão.

A autonomia da Federação foi conspurcada a pretexto de intervir na formação do preço de combustíveis, e a Petrobras ignora as manobras da maioria parlamentar aliciada pelo Centrão, liberando recursos do tal "orçamento secreto", e aumenta a gasolina e o diesel.

Nas falas de Bolsonaro e do presidente da Câmara, Arthur Lira, os diretores da estatal traíram a sociedade. Sério isso, se seis dos 11 conselheiros da Petrobras são indicações do governo, assim como toda a diretoria executiva? E Bolsonaro ter demitido três de seus presidentes, supostamente por não seguir suas ordens? Difícil...

## Como está não deve ficar

Se os governantes estivessem de fato aflitos com a carestia dos combustíveis, bastaria mudar a política de paridade internacional dos preços dos derivados do petróleo. Com R\$ 106 bilhões de lucros no ano e R\$ 40 bilhões no trimestre, a Petrobras poderia dilatar o intervalo dos reajustes sem traumatizar os especuladores da Bolsa.

Ao ignorar a causa real por trás das altas dos preços, fica no ar a suspeita de que há algo mais, talvez a intenção de desmoralizar a estatal para privatizá-la. O único responsável por ela é o governo, apesar do que diz para ficar bem junto à população desinformada. O neoliberalismo dessa gente tem razões nebulosas. Como dizia Delfim Netto, czar da economia de três dos cinco governos militares e ex-deputado de vários mandatos, "em Brasília, o mais bobo é suplente". Os espertos devem estar no Facebook (aviso: modo ironia acionado).

Fato é que como está não fica. Ou o futuro governo assume de peito aberto uma política de crescimento econômico, para o que precisará zerar o poder extemporâneo do Centrão sobre o orçamento fiscal, ou vai fracassar antes que acabe o seu primeiro semestre.

Colaboradores e colaboradoras do **Grupo CCR** comunicam, com pesar, o falecimento de

## RENATO ALVES VALE

Renato esteve à frente do **Grupo CCR de 1999 a 2018** e deixa um importante legado de transformação e expansão no setor de infraestrutura de mobilidade no Brasil, tendo sido responsável por alguns dos principais investimentos em concessões do país.

